

MARCOS JÚNIOR ALVES



**O USO DOS CONCEITOS E TÉCNICAS DO GRAFFITI NO ENSINO DE  
ARTES VISUAIS EM ESCOLAS FORMAIS BRASILEIRAS: é possível  
institucionalizar esta essência?**

Formiga  
2011

MARCOS JÚNIOR ALVES

**O USO DOS CONCEITOS E TÉCNICAS DO GRAFFITI NO ENSINO DE  
ARTES VISUAIS EM ESCOLAS FORMAIS BRASILEIRAS: é possível  
institucionalizar esta essência?**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Giovanna Viana  
Martins

Formiga

2011

Alves, Marcos Júnior

O uso dos conceitos e técnicas do *graffiti* no ensino de artes visuais em escolas formais brasileiras: é possível institucionalizar esta essência?: Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Marcos Júnior Alves. – 2011

30 pag.

Orientador (a): Giovanna Viana Martins

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Martins, Giovanna Viana.
- II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes
- III. Título.

MARCOS JÚNIOR ALVES

**O USO DOS CONCEITOS E TÉCNICAS DO GRAFFITI NO ENSINO DE  
ARTES VISUAIS EM ESCOLAS FORMAIS BRASILEIRAS: é possível  
institucionalizar esta essência?**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

---

Orientador(a): Giovanna Viana Martins-EBA/UFMG

---

Lincoln Volpini Spolaor-EBA/UFMG

Formiga

2011

***Este trabalho é dedicado a minha mãe. Vilma, presença constante e fundamental para essa realização.***

## **AGRADECIMENTOS**

Obrigado a Deus, pelo dom da vida e tudo que ela contempla. Sou grato pela inteligência e discernimento no momento da aprendizagem e também, pela vocação na aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos.

Sou grato também aos professores e tutores. Bons profissionais com vontade incessante de aprender e desejo nobre de ensinar. Obrigado aos colegas deste curso, companheiros de jornada que foram importantíssimos durante a assimilação de todas as novidades.

Infinitamente agradecido à minha família. Que é, desde sempre para mim, alicerce e suporte. Sou muito grato pela torcida e pelas orações de minha mãe e irmãs.

Obrigado a Marcela. Namorada, no mais amplo e amoroso sentido que esta palavra pode ter. Imensamente grato por acreditar em mim. Por respeitar e entender os horários e as necessidades durante este curso.

*E se, em certas circunstâncias, podemos acreditar que um “engajamento” da produção artística seja útil ou louvável, não devemos esquecer que há um poder “subversivo” mais profundo em sua insubordinação irreprimível.*

*Jorge Coli*

## RESUMO

Estudo de revisão de literatura sobre técnicas e conceitos do *graffiti*. Examina seu possível uso por arte-educadores ao ministrar aulas em escolas formais do Brasil. Busca conceituar, a fim de delimitar o tema, o que é Arte. Relata como os professores lecionam o *graffiti* e descreve os resultados desta atuação. Demonstra a oportunidade que os professores de arte têm de elucidar dúvidas e diferenciar *graffiti* de pichação. Traça paralelos entre *graffiti* e Arte Mural com a finalidade de questionar se ocorre equívocos durante as aulas ao se utilizar a nomenclatura e os conceitos que envolvem e giram em torno do *graffiti*. Conclui que o que motivou este estudo foram as questões e a dificuldade de lidar com definições sobre Artes Visuais. Incentiva nova linha de pensamento a partir do equívoco dos arte-educadores.

Palavras-chave: Artes Visuais. *Graffiti*. Arte Mural.



## ABSTRACT

Study literature review of techniques and concepts of the *graffiti*. Examines their possible use by art teachers to teach classes in formal schools in Brazil. Search conceptualize, in order to define the theme, which is Art. Reports on how teachers teach *graffiti* and describes the results of this work. Demonstrates the opportunity that art teachers have to clarify doubts and differentiate *graffiti*, of the work of taggers. Draws parallels between *graffiti* and Mural Art in order to question whether errors occur during class when using the nomenclature and concepts that involve and revolve around the *graffiti*. Concludes that what motivated this study were the questions and the difficulty of dealing with definitions of Visual Arts. Encourages a new thinking from the misconception of art-educators.

Keyword: Visual Arts. *Graffiti*. Mural Art.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “Campbell’s Soup”. Serigrafia de Andy Warhol. 1.968 .....	4
Figura 2 – “A Fonte” (Ready-Made) de Marcel Duchamp .....	5
Figura 3 – Jean-Michel Basquiat e uma de suas obras.....	11
Figura 4 – Stencil de Banksy que “saiu” do muro e tornou-se tela.....	12
Figura 5 – Marca registrada de Alex Vallauri.....	13
Figura 6 – Graffiti de OSGEMEOS que foi apagado em São Paulo.....	14
Figura 7 – Pichação.....	15
Figura 8 – Teto da Capela Sistina, pintado por Michelangelo.....	19
Figura 9 – “A Santa Ceia”, por Leonardo Da Vinci.....	20
Figura 10 – Mural “A História do México” de Diego Rivera, no Palácio Nacional Do México.....	22
Figura 11 – “A Nova Democracia”. Mural de Davi Siqueiros.....	23
Figura 12 – Mural “Omnisciencia”, de Orozco.....	24
Figura 13 – Mural de Di Cavalcanti feito com pastilhas.....	25
Figura 14 – “Café”, de Portinari. Obra feita em tinta a óleo sobre tela de tecido. Forte influência muralista.....	26

## SUMÁRIO

Introdução .....	1
1. Considerações sobre a Arte e o Ensino de Arte .....	3
2. Conhecendo o <i>graffiti</i> e sua ação em escolas formais no Brasil .....	8
2.1. Como são ministradas as aulas de graffiti nas escolas formais brasileiras? .....	16
3. Conflito de nomenclaturas e conceitos .....	18
Conclusão .....	27
Referências .....	29

## Introdução

Esta pesquisa visa investigar se existe e se é possível o trabalho desempenhado pelos professores de Arte junto aos seus alunos e os resultados das ações propostas ao utilizar o estudo do *graffiti*, durante o processo de ensino-aprendizagem de Artes Visuais em escolas formais do Brasil. Os dados que embasam esta análise e que fundamentam este trabalho são os diagnosticados na revisão de literatura da área, que possibilita servir-se de pesquisas e experiências anteriores a fim de identificar problemas, possíveis soluções, assuntos recorrentes e defasagem na análise de determinados aspectos.

Ressaltar a diferença entre pichação e *graffiti*, que é uma atividade de extrema importância dentro do ensino de Artes Visuais, para demonstrar e fazer com que os alunos assimilem melhor o conteúdo de ambos. Esta diferenciação e a identificação de cada uma das modalidades causam reflexões e fazem brotar novas idéias para a criação. A admiração dos alunos pelo *graffiti*, devido a sua facilidade de acesso - uma vez que o *graffiti* está presente nas vias urbanas - facilita a aceitação do conteúdo, para que os professores possam ministrar as aulas. Exemplo disto é a admiração pelo movimento *Hip-Hop*, que abrange o *graffiti* e é uma manifestação contemporânea, frequentemente transmitida em diversos meios do cotidiano dos alunos.

Os professores têm nas mãos a oportunidade de desmistificar o estereótipo que atribui ao *graffiti* valores como vandalismo e não como arte.

O estudo em questão aborda o real conteúdo que os professores transmitem e que é absorvido pelos alunos como se fosse um conteúdo conceitual do *graffiti*. Após análise do que é o *graffiti*, traçando paralelos com esses conteúdos transmitidos, surgem algumas questões relacionadas a uma possível confusão de nomenclatura. Erguem-se também observações sobre o que está sendo aplicado durante essas aulas e que, talvez, diga respeito não ao *graffiti*, mas à uma arte mural.

A contextualização das Artes Visuais e, neste caso especificamente, do *graffiti* e da arte mural, faz com que fiquem mais próximos da realidade do

aluno, despertando nele interesse pelas obras e provocando sua criatividade, incentivando-o na criação de suas próprias obras, considerando todo conteúdo estético e seus conceitos.

Buscou-se, portanto, através deste estudo, melhor entender estas duas manifestações artísticas, o *graffiti* e a arte mural. A pesquisa vem também compor o repertório sobre o tema.

## 1. Considerações sobre Arte e o Ensino de Arte

Para leigos e pessoas que possuem certo interesse em Arte, algumas questões freqüentemente habitam suas mentes. Dúvidas como, por exemplo: o que realmente é definido como Arte; quem define e qualifica o que é Arte e o que significam o belo e o feio na Arte. Determinados fatores causam inquietação e curiosidade quando o assunto é abordado. Numa pesquisa nesse campo deve ser investigado o conceito de Arte, para que possamos delimitar um pouco o território sobre o qual vamos caminhar. No entendimento dos investigadores que dela se aproximam, alguns paradigmas existem. Assim, faz-se necessário entender melhor porque se atribui a um objeto ou obra um rótulo, que define tal objeto ou obra como Arte. Através de características específicas aplicadas pelo artista, ao elaborar suas obras, este rótulo pode ser um estilo artístico, por exemplo.

Muitas pessoas cresceram com idéias equivocadas sobre o que é Arte. Quando, na infância, os familiares dizem para criança para que ela não faça arte o termo é usado como um apelo para que a criança não mais faça bagunças e traquinagens. Quando dizemos que a moça é romântica somente por apresentar delicadeza e doçura, não tem nada condizente com o estilo Romantismo. Na Arte, o estilo Gótico não tem relação com as pessoas que usam roupas pretas e lápis nos olhos.

Generalizando, Arte acontece quando se confere ao objeto, à obra ou à manifestação artística uma representação cultural. Isso pode ser melhor percebido num âmbito menor, quando se trata de comunidades ou civilizações. E também percebido num contexto universal, ao considerar grandes obras de Arte que fazem parte do repertório do conhecimento humano, o qual acompanha a vivência de cada um.

Afirmativamente, é uma linha muito estreita que separa o que é uma obra de Arte do que não é. Demorou um pouco para que as obras mais recentes figurassem como obras de Arte, pois apenas eram vistas e apreciadas como obras de Arte aquelas que, além das técnicas do estilo a que elas pertenciam, fossem datadas como peças da antiguidade. Além desses aspectos também

deve ser mencionado que, muitas vezes, a Arte está na intenção do artista e não na obra em si.

Por vezes, é possível perceber que objetos foram investidos de caráter artístico: o que antes era apenas visto como um simples objeto do nosso cotidiano passa a ser considerado obra de Arte. Andy Warhol (1927-1987), por exemplo, retratou rótulos de embalagens de produtos produzidos em série, durante o movimento conhecido como Pop - Art<sup>1</sup>.



1. "Campbell's Soup", Serigrafia de Andy Warhol. 1968.

Já Marcel Duchamp desenvolveu uma série de objetos a que chamou de *ready-mades*, que conforme explicita VENEROSO:

*Nada mais é estanque e a interação entre as expressões artísticas está cada vez se tornando mais complexa. A partir dos ready-mades de Duchamp, que rompem com a concepção da arte direcionada para a valorização do produto artesanal e decorativo, o que passa a ser discutido nas obras são as questões relativas à natureza e à função da arte no seu contexto.*<sup>2</sup>

<sup>1</sup> MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H. *Pop-Art*. Disponível em: <<http://www.historiadaarte.com.br/popart.html>>. Acesso em: 12 maio 2011.

<sup>2</sup> VENEROSO, Maria do Carmo Freitas. Críticas das Artes Visuais Moderna e Contemporânea. In: *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Vol. 1. Belo Horizonte: EBA-UFMG, 2009. P. 46-67.



2. "A Fonte" (Ready-Made) de Marcel Duchamp.

A Arte, geralmente, é vista como uma forma de valorizar o cabedal de conhecimentos ou inteligência de uma pessoa. Quem aprecia a Arte é encarado como uma pessoa culta. E ainda se atribui a essa pessoa uma superioridade. Mas a Arte deixou de ser elitista e está presente nos mais diversos lugares. Acessível a toda sociedade. Porém sabemos que a Arte é um campo de conhecimento, um modo de desenvolvermos nossa capacidade de reinventar o mundo e de voltarmos sobre ele nosso olhar crítico. Ela é aquilo que provoca inquietação no ser humano. Através dela expressamos nossas emoções e desenvolvemos nossa razão. Segundo Coli (1947-):

*Se a arte não é imediatamente vital, ela representa em nossa cultura um espaço único onde as emoções e intuições do homem contemporâneo podem desenvolver-se de modo privilegiado e específico. Isso não significa que, em nossa relação com a arte, a razão deixe de intervir. Está presente na fabricação do objeto artístico, pois para tanto precisamos de uma organização material e de um aprendizado técnico impossível sem ela. Dependemos também de um encadeamento lógico para ordenarmos nossas idéias quando queremos exprimir o resultado do nosso contacto (sic) com a obra de arte.*

E ainda, segundo o autor:



*A razão está assim intrinsecamente presente no objeto artístico, mas a obra enfeixa elementos que escapam ao domínio do racional e sua comunicação conosco se faz por outros canais: da emoção, do espanto, da intuição, das associações, das evocações, das seduções. [...] O artista nos dá a perceber sua obra por modos que posso talvez nomear, mas que escapam ao discurso, pois jamais deixarão de pertencer ao campo do não racional.<sup>3</sup>*

Organizado primeiramente pelos jesuítas, no período da colonização do Brasil, o Ensino da Arte teve influência direta da religiosidade com o propósito de divulgar o catolicismo. Elitizando a intelectualidade e a valorização do que era Arte na época. A extinção dos colégios jesuítas, efetuada pelo então Primeiro Ministro de Portugal, deu lugar às aulas de Latim, Grego, Filosofia e Retórica. Com a vinda da corte Portuguesa ao Brasil, ocorreu na Arte a mudança de estilos, ou seja, do Barroco para o Neoclassicismo. Este último era copiado no Brasil através de pesados exercícios formais. Essa tentativa de organizar o Ensino de Arte no Brasil também contou com a criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios (mais adiante denominada Academia Imperial de Belas Artes), para a formação artística, voltada, sobretudo para a técnica.

Em certo momento (1927) no Brasil, surge a Escola Nova, que promoveu a ampliação do Ensino da Arte. Este passa a ser mais expressão do sentimento do que ciência, e, acontecia nas escolas e em espaços fora dos muros escolares. Os educadores permitiam e embasavam o Ensino da Arte na livre expressão.

No período da ditadura militar (1970), surge no país o Tecnicismo, que profissionalizava, através de uma escola positivista e polivalente, pela qual a sociedade teria uma cultura igualitária, com pouco aprofundamento.

As maneiras como os professores devem transmitir todo conhecimento adquirido e assimilado para seus alunos e como é o processo de ensino-aprendizagem, se tratando do Ensino de Arte, serão analisados neste capítulo.

É importante frisar que o Ensino de Arte não tem a função de formar artistas. A função primordial do Ensino de Arte é propor a expressividade, que é necessidade fundamental do ser humano. O professor de Arte deve ser detentor de conhecimento específico para ensinar, independente da realidade da escola onde leciona. Ao preparar os alunos para pensar sobre o mundo, ele

---

<sup>3</sup> COLI, Jorge. *O que é Arte*. 15. São Paulo: Brasiliense, 1995.

deve ser motivador e fonte de estímulo, deve oferecer embasamento teórico e liberdade para que, nas atividades práticas, o trabalho seja realizado pelo imaginário do educando. A Arte tendo caráter provocativo e de comunicação, é uma ferramenta para que a expressão da visão do mundo seja exposta numa obra, sem que ela seja julgada, mas, sim, percebida em suas cores, traços, formas e no contexto no qual foi trabalhada. Não é necessário dom pra se fazer Arte, pois esta é construção de conhecimento e para isto não existe uma fórmula pronta.

Diferente de como acontecia em anos anteriores, hoje em dia o Ensino da Arte é uma área do saber integrada como disciplina da grade curricular, que pode auxiliar na compreensão das outras disciplinas.

Para o profissional do Ensino de Artes Visuais é importante que este renove constantemente seu conhecimento, a fim de aplicá-lo aos seus alunos, contribuindo, assim, para que eles possam estabelecer com o mundo novas conexões podendo, então, reinventá-lo e/ou modificá-lo.

## 2. Conhecendo o *graffiti* e sua ação em escolas formais no Brasil

Aspectos importantes são explicitados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE ao se tratar do *graffiti*. O IBGE esclarece que *graffiti*, é uma palavra italiana e significa “escrita produzida com carvão”. Isso pelo fato dos antigos habitantes de Roma escreverem seus manifestos e protestos nas paredes, utilizando o carvão. Eles escreviam profecias, ordens, divulgavam leis e fatos da sociedade da época. No final da década de 1960, jovens do bairro de Nova Iorque, nos Estados Unidos, o Bronx, se apropriaram de tinta spray para aprimorar esta manifestação artística. Na Europa o *graffiti* chega no início dos anos 1980.<sup>4</sup> No Brasil o *graffiti* surge pelas mãos do artista Alex Vallauri, no final dos anos 1970.

A diferenciação entre pichação e *graffiti* é uma atividade de extrema importância dentro do Ensino de Artes Visuais, para demonstrar e fazer com que os alunos entendam o papel deste último. A diferenciação e definição causam reflexões e fazem brotar novas idéias para a criação na Arte Contemporânea. Esta apreciação é algo de fácil aceitação para os alunos. Como é o caso da admiração pelo movimento *Hip-Hop*, onde está inserido o *graffiti*.

*O hip hop (também referido como hip-hop) é uma cultura artística que iniciou-se durante a década de 1970 nas áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas da cidade de Nova Iorque. Afrika Bambaataa, reconhecido como o criador oficial do movimento, estabeleceu quatro pilares essenciais na cultura hip hop: o rap, o Djing, a breakdance e a escrita do grafite (sic). Outros elementos incluem a moda hip hop e as gírias.*

*Desde quando emergiu primeiramente no South Bronx, a cultura hip hop se espalhou por todo o mundo. No momento em que o hip hop surgiu, a base concentrava-se nos djsc jockeys que criavam batidas rítmicas para pausas “loop” (pequenos trechos de música com ênfase em repetições) em dois turntables, que atualmente é referido como sampling. Posteriormente foi acompanhada pelo rap, identificado como um estilo musical de ritmo e poesia, com uma técnica vocal diferente para utilizar dos efeitos dos DJs. Junto com isto surgiram formas diferentes de danças improvisadas, como o breakdance, o popping e o locking.*

*A relação entre o grafite (sic) e a cultura hip hop surgiu quando novas formas de pintura foram sendo realizadas em áreas onde a prática*

<sup>4</sup> O que é grafite? Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/desenhista/grafite.html>>. Acesso em: 02 abr. 2011.

*dos outros três pilares do hip hop eram frequentes, com uma forte sobreposição entre escritores de grafite (sic) e de quem praticava os outros elementos.*<sup>5</sup>

É possível perceber que a admiração dos alunos pelo *graffiti* proporciona certa facilidade ao introduzir e trabalhar seu conteúdo no Ensino de Artes Visuais. Isto se dá pelo fato do *graffiti* ser uma arte contemporânea deles bem próxima, muito presente nas áreas urbanas e na mídia de fácil acesso.

O site do Itaucultural, quando se refere à Arte Contemporânea, esclarece que as novas orientações artísticas, apesar de distintas, partilham um espírito comum: são, cada qual ao seu modo, tentativas de dirigir a Arte à coisas do mundo, à natureza, à realidade urbana e ao mundo da tecnologia<sup>6</sup>. Apesar do *graffiti* hoje em dia ser mais compreendido e aceito pela sociedade, o professor tem a oportunidade de quebrar o estereótipo que se formou na consciência de muitas pessoas, um juízo de valor atribuído pela sociedade ao *graffiti*, que diz ser esta uma forma de vandalismo e não uma manifestação artística.

O *graffiti* tem várias modalidades. Sobre o que é o *graffiti*, ALENCAR, afirma que:

*O grafite (sic) é uma forma de arte contemporânea de características essencialmente urbanas. São pinturas e desenhos feitos nos muros e paredes públicos. Não é simplesmente uma pichação, mas uma expressão artística. Tem a intenção de interferir na paisagem da cidade, transmitindo diferentes idéias. Não se trata portanto de poluição visual.*<sup>7</sup>

Ainda é possível analisar a afirmativa a seguir para melhor entender a diferença entre *graffiti* e pichação:

*[...] grafite é a designação atribuída a pinturas mais elaboradas, feitas nas ruas mas que, na maioria das vezes, estão associadas a movimentos sociais ou políticos. Já a pichação é uma ação artística duvidosa, de transgressão e rebeldia, feita para chamar a atenção para si por meio de elementos pouco ou nada estéticos, semelhantes a letras estilizadas ou carimbos vazados dispostos em série. Normalmente, o objetivo da pichação é simplesmente danificar fachadas, ao contrário da grafiteagem.*<sup>8</sup>

<sup>5</sup> *Hip Hop*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip\\_hop](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip_hop)>. Acesso em: 16 jun. 2011.

<sup>6</sup> *Arte Contemporânea*. Disponível em:

<[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=354&cd\\_idioma=28555&cd\\_item=8](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=354&cd_idioma=28555&cd_item=8)>. Acesso em: 26 mar. 2011.

<sup>7</sup> ALENCAR, Vália Peixoto. *Grafite*: uma forma de arte pública. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/artes/grafite.jhtm>>. Acesso em: 22 maio 2010.

<sup>8</sup> *Arte e Cultura*. Disponível em:

<<http://clubinhofabercastell.com.br/app/core/professores.html?area=4&id=11>>. Acesso em: 10

Podemos ver, no entanto, que segundo o autor acima, tanto o *graffiti* quanto a pichação são “ações artísticas” (mesmo que, para ele, a pichação seja considerada uma “ação artística duvidosa”).

Interessei-me pelo *graffiti* devido aos trabalhos que frequentemente podemos ver nas vias urbanas. O interesse surgiu também pelo fato das questões que o *graffiti* causa. Admiração e estranhamento. Questionamentos a respeito do que está disposto nas cidades, acessíveis à nossa percepção, desenhos, traços e escritas. Durante as pesquisas, alguns nomes foram citados com maior frequência nos textos e artigos estudados. Isto reflete a importância destes autores para o movimento *graffiti*. Eles foram importantes por serem precursores, introduzindo suas obras na cidade e conferindo a elas um discurso contextualizado. Falaremos aqui de alguns nomes e obras desta modalidade artística, como Jean-Michel Basquiat e Banksy, e alguns do Brasil como Alex Vallauri e “OSGEMEOS”.

Jean-Michel Basquiat (1960-1988) foi um artista afro-americano, nascido em Nova Iorque. Aos 17 anos de idade, Basquiat começa elaborar seus grafites em prédios desabitados e metrô de Manhattan. Ele usava em seus grafites a sigla SAMO que significa “same old shit”, traduzido para o português como “mesma velha merda”, era esta sua assinatura. Quando resolveu abandonar o *graffiti*, Basquiat usou outra assinatura que dizia “SAMO is dead”, traduzido como “SAMO está morto”. Mesmo atuando, a partir de certo momento, mais como pintor de telas, nelas era nítida a representação de elementos do *graffiti* ao retratar cenas urbanas e sempre sobre grandes superfícies.

*O período mais criativo da curta vida e da carreira meteórica de Basquiat situa-se entre 1982 e 1985, e coincide com a amizade com Warhol, época em que faz colagem e quadros com mensagens escritas, que lembram o graffiti do início e que remetem às suas raízes africanas. É também o período em que começa a participar de grandes exposições.*<sup>9</sup>



3. Jean-Michel Basquiat e uma de suas obras.

Banksy, talvez, seja hoje o mais conhecido artista do *graffiti*. Ou melhor, ele não, mas, suas obras. Porque a identidade de Banksy nunca foi revelada. Este anonimato deixa espaço para especulações. Como, por exemplo, se é apenas uma pessoa ou uma equipe a realizar seus trabalhos. Esta identidade secreta também dá um caráter de maior importância às suas obras e não ao artista. Banksy utiliza, entre outras, a técnica do estêncil em suas obras: uma técnica que consiste numa superfície furada que pode ser disposta no muro ou outra superfície e, quando disparado o spray sobre ela, deixa impresso o desenho quando é retirada. Isso atribui maior rapidez ao grafitar e permite que ele mantenha secreta sua identidade, já que geralmente o artista deixa rapidamente o lugar onde realizou o *graffiti*.

Sobre Banksy e suas obras pode-se afirmar que são polêmicas e valiosas. Seus trabalhos são vendidos por preços muito altos. Conforme explica BECKER “Banksy se chama Robin Banks e nasceu em Bristol em 28 de julho de 1973, de acordo com o tablóide inglês Daily Mail, mas ninguém conseguiu comprovar.” Ainda conforme a autora:

*Em Bristol, os donos de uma casa com um mural de Banksy em uma parede não colocaram o imóvel à venda em uma imobiliária, mas em uma galeria de arte, listada como “mural com uma casa anexa”. Já*

em Liverpool, uma casa caindo aos pedaços alcançou o preço notável de R\$ 300 mil, só porque em um dos lados do prédio há uma gigantesca cabeça de rato desenhada pelo grafiteiro famoso.<sup>10</sup>



4. Stencil de Banksy que “saiu” do muro e tornou-se tela.

No Brasil, o *graffiti* teve como precursor um artista estrangeiro, mas que contribuiu veementemente para este movimento artístico no país. Nascido na Etiópia, em 1949, Alex Vallauri começa a realizar seus *graffitis* no ano de 1978, nos centros urbanos da cidade de São Paulo, onde morreu no ano de 1987. Consta no site [pinturabrasileira.com](http://pinturabrasileira.com), que:

*Pioneiro na arte do grafite no Brasil, Alex usou outros suportes além dos muros urbanos; estampou camisetas, bottons e adesivos. Para ele, o grafite é a forma de comunicação que mais se aproxima do seu ideário de arte para todos. [...] No final dos anos 70, o grafite de uma bota preta, de salto fino e cano longo, foi um dos trabalhos do artista – produzido e inserido na paisagem urbana – no anonimato. Na mesma época, enviou para artistas e amigos uma seqüência de postais manufaturados que consistiam em cópias de cartões postais, contendo edifícios históricos da cidade, com a intervenção do carimbo da bota preta sobreposto aos arranha-céus e com frases sobre a invasão da bota na cidade.<sup>11</sup>*

<sup>10</sup> BECKER, Melissa. *Banksy: o anônimo mais famoso do mundo*. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/banksy-anonimo-mais-famoso-mundo-623045.shtml>>. Acesso em: 01 jun. 2011.

<sup>11</sup> Biografia de Alex Vallauri. Disponível em: <[http://www.pinturabrasileira.com/artistas\\_bio.asp?cod=188&in=9](http://www.pinturabrasileira.com/artistas_bio.asp?cod=188&in=9)>. Acesso em: 12 maio 2011.



5. Marca registrada de Alex Vallauri.

Os artistas Otávio e Gustavo Pandolfo, são conhecidos como “OSGEMEOS” e têm uma projeção imensa através do *graffiti* que realizam em diversas partes do mundo. Naturais de São Paulo, nascidos em 1974, estes artistas atraíram olhares para suas obras em vias urbanas e logo seus trabalhos estavam compondo exposições de arte em museus. Primeiramente, em museus no exterior e depois em museus brasileiros. Os *graffitis* começaram a ser elaborados pela dupla em 1986, influenciados pela cultura Hip-Hop, conforme RALSTON:

*O graffiti entrou na vida dos irmãos em 1986, quando ainda viviam na região central de São Paulo onde passaram sua infância e adolescência. A cultura hip hop (sic) chegava ao Brasil e os jovens do bairro começaram a colorir suas idéias nos muros da cidade. Naquela época, com apenas 12 anos, tudo era novidade e sem ter de onde tirar suas referências, Gustavo e Otávio improvisaram e inventaram sua própria linguagem, pintando com tintas de carro, látex, spray, e usando bicos de desodorante e perfume para moldar traços; já que ainda não existiam acessórios e produtos para a prática. O que a cidade proporcionou a eles foi essencial para o desenvolvimento de todas as habilidades que se transformaram depois no estilo próprio e imediatamente reconhecível dos artistas. Uma infância criativa, que rendeu duas vidas ao mundo da arte contemporânea.<sup>12</sup>*

<sup>12</sup> RALSTON, Ana Carolina. *Biografia*. Disponível em: <<http://osgemeos.com.br/index.php/biografia/>>. Acesso em: 02 abr. 2011.





6. Graffiti de OSGEMEOS que foi apagado em São Paulo.

Estes artistas afirmam que o *graffiti* é assim denominado quando eles são obras feitas em vias urbanas. E quando passam para dentro do museu, tem outro nome ou é outra coisa. Neste trecho de entrevista ao programa “Roda Viva” (TV Cultura), e que foi citada num artigo pelo jornalista Edson Lovatto, em 2008, Gustavo diz: “A partir do momento que nossa arte migra para os museus, não é grafite. A essência do grafite é sem permissão, sem ninguém te dizer o que faz.” E Otávio completa:

*Grafite é toda a atmosfera em volta, não é encomenda. Dentro de uma instituição ou uma galeria de arte, precisamos criar o ambiente. Recebemos uma sala toda branca e construímos um mundo. Na rua já está tudo pronto e colocamos nosso trabalho.*<sup>13</sup>

Este caráter de transgressão exige que governantes abram os olhos para o bem público, para saúde da sociedade e também para o talento de artistas que desempenham trabalhos de *graffiti* e até mesmo de pichação. Em Belo Horizonte existe um grupo conhecido como “Os Piores de Belô”, que picham

<sup>13</sup> LOVATTO, Edson. “Quando nossa arte vai para o museu, não é grafite”, dizem os grafiteiros osgemeos no “Roda Viva”. Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/2009/12/14/ult4326u1454.jhtm>>. Acesso em: 02 abr. 2011.

monumentos públicos, edificações e casas. Alguns dos membros deste grupo já tiveram problemas com a polícia e foram presos pelos atos ilícitos de pichação.



7. Pichação.

Talvez por isso a prefeitura da cidade, junto com Centro Cultural da UFMG resolveu criar no ano 2000, o Projeto Guernica, que cuida de crianças e jovens que estão no crime e daqueles que convivem com o meio, resguardando-os e apresentando um caminho com oportunidades para viver em sociedade e produzir.

*O objetivo do Projeto Guernica é potencializar o talento destes artistas, bem como ampliar o repertório de grafiteiros e pichadores. Neste expediente, a inclusão social estabelece laços entre a produção da cultura, a capacitação profissional e a conscientização do papel social de cada um. [...] Pichação, grafite e arte enriquecem as aulas práticas e teóricas, os participantes estudam pintura contemporânea, arquitetura, urbanismo, arte gráfica e têm acompanhamento psicológico.<sup>14</sup>*

Mas se a arte do *graffiti* e da pichação são um espaço não institucionalizado da Arte, o lugar de manifestação transgressora da sociedade

---

<sup>14</sup> *Projeto Guernica*. Disponível em: < <http://www.ufmg.br/cidadaniacultural/index2.htm>>. Acesso em: 02 abr. 2011.

muitas vezes oprimida, levá-la para dentro de sala de aula não seria contrariar sua principal proposição?

## 2.1 Como são ministradas as aulas de *graffiti* nas escolas formais brasileiras?

Existem ações para o Ensino de Arte em algumas escolas formais do país, que utilizam o *graffiti* como meio para conscientizar e permitir que, durante o processo de ensino – aprendizagem, o aluno possa criar.

Numa escola pública de Brasília, chamada “Centro Ensino Fundamental N° 4”, os alunos participaram de um projeto sobre *graffiti* e assim puderam aprender as técnicas e aplicá-las no muro da escola. Além das técnicas do *graffiti*, eles aprenderam mais sobre o que é realmente o *graffiti* através de palestras e vídeos sobre o tema. Tudo em parceria com dois grupos de grafiteiros da cidade. Segundo PARANHOS:

*A idéia de levar o mundo do grafite para o ambiente escolar surgiu a partir da observação do comportamento de alguns estudantes da instituição. Os orientadores educacionais [...] encontraram na iniciativa uma forma de resolver alguns conflitos existentes no CEF 4 da Gama. [...] Do total de envolvidos no projeto, 15 adolescentes foram chamados porque estavam envolvidos com grupos de pichadores fora da escola. A partir daí, eles participaram de conversas e palestras sobre o tema e assistiram alguns vídeos para entender o que é grafite.*<sup>15</sup>

Em Salvador (BA), a “Escola Estadual Classe I/Centro Educacional Carneiro Ribeiro”, realizou, dentro de um projeto apoiado pelo Ministério da Educação (MEC) denominado Programa Mais Educação, uma oficina de *graffiti* com seus alunos. Segundo a diretora da escola, as aulas ministradas por um grafiteiro prendiam a atenção do alunado que se mostrava interessado em aprender sobre o *graffiti*. A preocupação dela em trabalhar o *graffiti* foi devido ao fato de alguns alunos picharem a escola.<sup>16</sup>

Nos dois casos citados, os resultados obtidos foram favoráveis ao que foi proposto. Os alunos puderam criar conhecendo as técnicas do *graffiti*. Pois, os

<sup>15</sup> PARANHOS, Thaís. *Escola Pública de Brasília Ensina a Arte do Grafite aos alunos*. Disponível em: <<http://culturahiphop.uol.com.br/materia/69/escola-publica-de-brasilia-ensina-a-arte-do-grafite-aos-alunos>>. Acesso em: 02 abr 2011.

<sup>16</sup> *Oficina de grafite em sala de aula*. Disponível em: <<http://www.jfparanagua.com.br/blog/?p=837>>. Acesso em: 02 abr. 2011.

professores e os grafiteiros que ministraram as aulas desmistificaram a visão deturpada sobre o *graffiti*. Os alunos também se sentiram úteis ao produzir algo que pudesse valorizar o ambiente de aprendizado.

### 3. Conflito de nomenclaturas e conceitos

Esta tentativa de enquadramento da pichação e do *graffiti* em padrões pedagógicos é, sem sombra de dúvida, uma institucionalização do espaço da Arte que tem por natureza cumprir o papel transgressor, através da manifestação destes movimentos. A técnica do *graffiti* é realmente ensinada, transmitida nas aulas propostas sobre o tema. Mas o que descaracteriza as obras elaboradas pelos alunos nas escolas é a total falta do aspecto conceitual que não é trabalhado nestas aulas por ser conflituoso e descabido para uma rede formal de ensino, já que, ao tratar do conceito e da essência do *graffiti* será necessário informar sobre sua transgressão e a subversão implícitas nesta manifestação artística.

Os professores não trabalham os aspectos que formam a noção de *graffiti* porque estariam influenciando seus alunos a infringirem a lei, incitando-os a realizarem trabalhos nas vias urbanas. Para realizar trabalhos de *graffiti* não é preciso autorização. Ele por si só é permissivo e invasivo. É importante reforçar que o *graffiti* nasceu de uma necessidade das pessoas de classes oprimidas, que enxergaram nesta arte uma forma de se manifestarem e expressarem no espaço aberto da cidade, chamando a atenção para diversas situações vivenciadas e também para suas capacidades artísticas.

Quando iniciei minha pesquisa, num primeiro momento acreditava que o que era ensinado nas escolas formais do Brasil fosse realmente o *graffiti* em sua amplitude. Porém, ao aprofundar a minha pesquisa, conhecendo mais sobre esta forma de expressão e analisando a realidade das supostas aulas de *graffiti* nas escolas formais, pude perceber que o resultado do trabalho destes professores não era verdadeiramente *graffiti*. Estes, ao ministrarem suas aulas, estariam trabalhando um conteúdo referente a uma manifestação artística consentida, na qual a sociedade e seus governantes, e até as autoridades educacionais, concordam e aceitam esta forma de expressão.

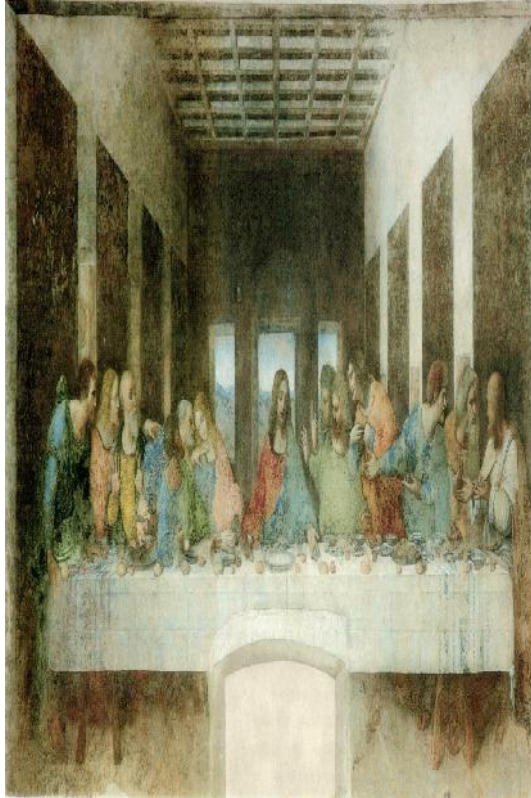
Posso então afirmar, através do material analisado nesta pesquisa, que nas escolas formais do Brasil, quando há a tentativa de abordar o tema *graffiti*, ela é transmitida pelos professores como uma arte com caráter permitido, com licença, e também com forte apelo para que aquilo seja realizado conforme

acordos anteriormente discutidos. Não estariam, então, esses professores, ensinando aos seus alunos, em verdade, Arte Mural? Pois este é um procedimento artístico que tem intrinsecamente todos os aspectos citados acima, inclusive o incentivo de autoridades na sua elaboração. Tratarei neste capítulo, desta manifestação pictórica para melhor entendimento e assimilação desta afirmativa.

Os primórdios da arte mural são atribuídos, assim como no *graffiti*, aos desenhos realizados na Pré-História como forma primeira do Homem se expressar e imprimir experiências. Durante o período do Renascimento (séculos. XIV-XVI) obras importantes de arte mural foram concebidas, tais como pinturas realizadas por Michelangelo na Capela Sistina e a “Última Ceia”, de Leonardo da Vinci.



8. Teto da Capela Sistina, pintado por Michelangelo.



9. "A Santa Ceia", por Leonardo Da Vinci.

Mas este procedimento de pintar sobre paredes só passa a levar o nome de Arte Mural a partir do trabalho de pintores mexicanos do início do século XX, e que permitia aos artistas se expressarem, sobre paredes de locais públicos, a situação política da época e a História do país, com o aval do governo. A Arte Mural nasceu em plena era revolucionária no México, se propondo a reformar a cultura e defender seu povo.

*[...] refere-se à pintura mexicana da primeira metade do século XX, de feição realista e caráter monumental. A adesão dos pintores aos murais de grandes dimensões está diretamente ligada ao contexto social e político do país, marcado pela Revolução Mexicana de 1910 – 1920. Após 30 anos de ditadura militar, o movimento revolucionário – ancorado na aliança entre camponeses e setores urbanos, entre eles, intelectuais e artistas – projeta uma nação moderna e democrática, cujos alicerces repousam no legado das antigas civilizações pré-colombianas e na instituição de um Ministério da Cultura [...]. A política cultural do novo ministério tem como eixo o combate ao analfabetismo e a renovação cultural. O programa de pinturas de murais, narrando a história do país e exaltando o fervor revolucionário do povo, adquire lugar destacado no projeto educativo e cultural do período.<sup>17</sup>*

<sup>17</sup> *Muralismo*. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=3190](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3190)>. Acesso em: 04 jul. 2011.

E ainda:

*O movimento da pintura mural no México se apóia em alguns pontos centrais. Antes de mais nada, a arte deve ter alcance social, isto é, deve ser acessível ao povo. Daí o descarte da pintura de cavalete e a opção pelos murais, de caráter decorativo e/ou comemorativo, que ocupam lugares públicos, rompendo os círculos restritos de galerias, museus e coleções particulares. Os artistas visam romper com a arte acadêmica, tal como é praticada no século XIX, e criar uma arte original, ao mesmo tempo moderna – tributária das conquistas das vanguardas do começo do século XX – e autenticamente mexicana. Estas preocupações comuns são trabalhadas de modos diversos pelos pintores do grupo.*

Se, na antiguidade, os artistas utilizaram a técnica do afresco para pintar sobre muros, os artistas mexicanos fizeram, junto com a indústria de tintas, pesquisas para desenvolver a tinta acrílica, uma vez que esta é de rápida secagem e de grande resistência em ambientes externos.

A pintura mural, em geral, é uma técnica que faz com que a pintura se integre ao ambiente, vinculando-a assim à arquitetura. O afresco consiste na aplicação de pigmentos de cores diferentes, diluídos em águas, sobre a argamassa ainda úmida, mas muitas técnicas foram utilizadas para a pintura de muros, como a encáustica e a têmpera.<sup>18</sup>

A Arte Mural era, em grande parte, originada das idéias e das mãos de três principais artistas deste movimento pictórico, denominados “*Los Tres Grandes*”. Eram eles: Diego Rivera, Davi Alfaro Siqueiros e Jose Clemente Orozco.

Rivera (1886-1957) é o mais conhecido deles e, em suas obras, é possível perceber a luta que ele travava com a política e também a crítica ao capitalismo. Em seus murais, Rivera retratou seu país, seu povo. E permitiu que este povo retratado se reconhecesse nas pinturas. O período que Rivera passou na Europa permitiu que ele conhecesse grandes artistas e importantes correntes artísticas que o influenciaram.<sup>19</sup>

*[...] ele considerava a pintura convencional como uma arte burguesa, pois o fruto deste trabalho ia, normalmente, para a clausura das coleções particulares. O pintor produz, assim, uma obra que tem proporções de um monumento, não só na sua forma, mas*

<sup>18</sup> ALENCAR, Valéria Peixoto. *Muralismo: uma arte pública*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/artes/muralismo.jhtm>>. Acesso em: 22 maio 2011.

<sup>19</sup> *Diego Rivera*. Disponível em: <[http://www.citi.pt/cultura/artes\\_plasticas/desenho/alvaro\\_cunhal/rivera.html](http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/desenho/alvaro_cunhal/rivera.html)>. Acesso em: 04 jul. 2011.



principalmente no seu teor. Ele criou, entre 1921 e 1956, um total de 6.730m<sup>2</sup>, distribuídos por dezenove prédios no México, oito nos Estados Unidos, um na China e um na Polônia.<sup>20</sup>



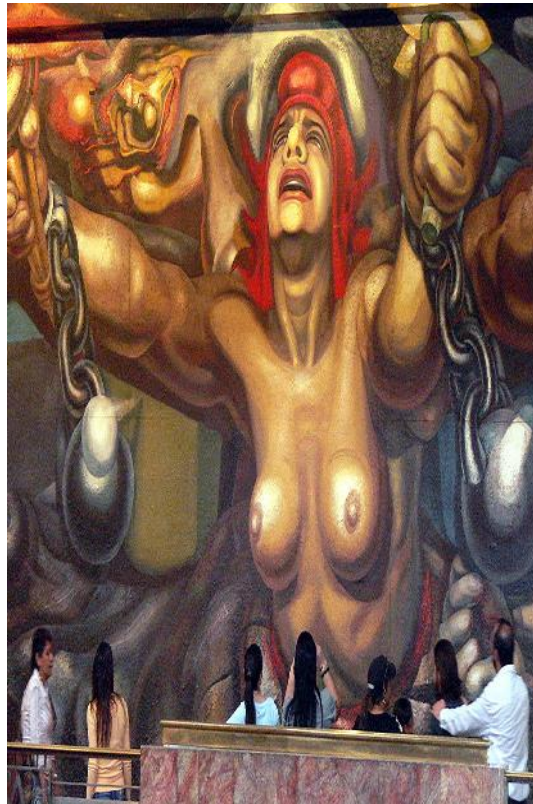
10. Mural "A História do México" de Diego Rivera, no Palácio Nacional do México.

Outro artista que compunha este grupo de pintores é Siqueiros (1896-1974). O estilo de Siqueiros se diferencia do estilo de Rivera, ao estabelecer a preferência do que gostava de referenciar e pintar. Siqueiros não gostava de retratar o que era encarado como modismo na época, ou seja, o que era freqüente nos murais, que incansavelmente traziam figuras de índios e reconstruções históricas. Para ele, estas representações poderiam atribuir ao muralismo mexicano certo aspecto estagnado, já que outros artistas imprimiam isto em suas obras, comumente. Siqueiros, mesmo não retratando temáticas históricas do México, representava em suas obras a luta das classes menos favorecidas. Ele utilizava técnicas diferentes na elaboração de seus murais. De acordo com CASTELANI:

*De todas as obras dos muralistas, a de Siqueiros é de longe a mais difícil de ser reproduzida com certo sucesso. Isso se deve ao estilo, à técnica e aos espaços escolhidos para situá-los. Os lugares eram selecionados por ele, modificados ou construídos de modo a permitir*

<sup>20</sup> SANTANA, Ana Lucia. *Diego Rivera*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/diego-rivera/>>. Acesso em: 04 jul. 2011.

que toda a área da parede ficasse completamente envolvida pelo clima pictórico da criação. Ele se utilizava de tintas industriais e pistolas de jato, mas também se valeu da técnica da fotografia quando usou um projetor para distender as imagens sobre a parede.<sup>21</sup>

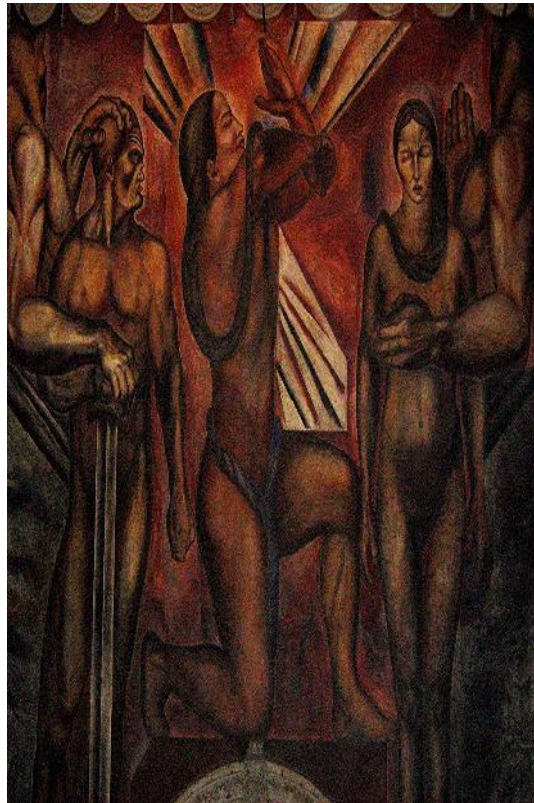


11. "A Nova Democracia". Mural de Davi Siqueiros.

Já Orozco (1883-1949), elaborava suas obras considerando dar outro aspecto a elas que não fosse o aspecto folclórico que Rivera atribuía a seus murais, ao pintar o nacionalismo mexicano. "Orozco era o mais manifestante expressionista dos três e entre seus temas figuram as conquistas e a evangelização do país."<sup>22</sup>

<sup>21</sup> CASTELANI, Gláucia Rodrigues. *Murais mexicanos: a arte para o povo*. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra6/muralismo.html>>. Acesso em: 04 jul. 2011.

<sup>22</sup> Muralismo. Disponível em: <[http://www.pitoresco.com.br/art\\_data/muralismo.htm](http://www.pitoresco.com.br/art_data/muralismo.htm)>. Acesso em: 04 jul. 2011.



12. Mural "Omnisciencia", de Orozco.

No Brasil temos nomes importantes na Arte Mural. Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo, ou Di Cavalcanti (1897-1976), que entre outras técnicas de pintura executou, também, obras murais. No ano seguinte após a Semana de Arte Moderna de 1922, da qual foi um dos idealizadores, viajou para França e enriqueceu seu repertório cultural conhecendo grandes artistas. Motivado, quando voltou ao Brasil, decidiu tomar seu próprio país como tema para seus murais e “dedicou-se a pintar cenas de ruas, subúrbios, festas de carnaval, trabalhadores portuários, a boemia carioca e, muito especialmente, as mulatas [...].”<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> *Di Cavalcanti*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/artistas-brasileiros/artes-plasticas/di-cavalcanti-1897-1976>>. Acesso em: 04 jul. 2011.



13. Mural de Di Cavalcanti feito com pastilhas.

Candido Portinari (1903-1962) também executou grandes murais destacando-se, assim, no panorama da Arte brasileira. Portinari teve seus trabalhos expostos em exposições internacionais, que contavam também com obras de Orozco e Rivera. Portinari tinha como preferência retratar o povo brasileiro, assim como o fez na obra “Café”, que lhe proporcionou o reconhecimento de seu trabalho no exterior. Esta pintura representava uma cena típica de colheita de café da região de onde nasceu:

*A inclinação muralista de Portinari revela-se com vigor nos painéis executados no Monumento Rodoviário situado no Eixo Rio de Janeiro – São Paulo (na hoje “Via Dutra”), em 1936, e nos afrescos do novo edifício do Ministério da Educação e Saúde, realizados ente 1936 e 1944. Estes trabalhos, como conjuntos e como concepção artística, representam um marco na evolução da arte de Portinari, afirmando a opção pela temática social, que será o fio condutor de toda a sua obra a partir de então.*<sup>24</sup>

<sup>24</sup> *Candido Portinari*: biografia sucinta. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/portinari.htm>>. Acesso em: 04 jul. 2011.



14. "Café", de Portinari. Obra feita com tinta a óleo sobre tela de tecido. Forte influência muralista.

## Conclusão

Esta pesquisa possibilitou saber se o *graffiti* é utilizado como tema didático e como é esta aplicação durante o processo ensino-aprendizado em escolas formais brasileiras.

Relato que o conhecimento que tinha antes deste assunto era algo muito genérico e de conformidade, pois o *graffiti* está facilmente presente no cotidiano da sociedade e a admiração por esta manifestação surge também por sua fácil aceitação.

A revisão de literatura referente ao assunto trata de projetos e intervenções utilizando o *graffiti* no Ensino de Arte, projetos que contavam com o apoio do Ministério da Educação (MEC). As escolas firmavam parcerias com grupos de grafiteiros e durante estas aulas ensinavam como fazer um *graffiti*, aplicando técnicas específicas. As técnicas realmente eram ensinadas e os alunos elaboravam, através de sua utilização, seus próprios *graffitis*. Através da literatura, pude analisar, também, que nas aulas o verdadeiro significado do *graffiti* era transmitido aos alunos. Mas o real significado do *graffiti* é transgressor na sua essência, sem permissividade.

Surgiram, então, dúvidas sobre a possibilidade do *graffiti* fazer parte das aulas em escolas formais: seria possível institucionalizar e estabelecer leis para o *graffiti*? Trazê-lo para dentro das escolas formais? Não estariam os professores incitando seus alunos a serem criminosos, uma vez que, em sua origem, o *graffiti* é uma manifestação transgressora de classes oprimidas? Surge, igualmente, a dúvida de que o que está sendo ensinado durante estas aulas nas escolas formais não seria melhor denominado de arte mural?

O decorrer da pesquisa trouxe todas estas indagações. E nas discussões, em encontros com professores atuantes no âmbito das Artes Visuais, apresentava o andamento da pesquisa e a dúvida sobre ser ou não possível ensinar o *graffiti*, que traz em si o conceito subversivo. Esta dúvida foi amenizada pela assimilação de que o que se ensina nas aulas de Artes em escolas formais no Brasil, ao invés do *graffiti* é a arte mural, pois esta tem aspectos conceituais de invocação para que o trabalho seja realizado com a licença de governantes e autoridades que apóiam os artistas. Assim como o

*graffiti*, a Arte Mural era, desde Siqueiros e outros, utilizada para expressar a realidade e a situação de classes menos favorecidas. Os pintores muralistas mexicanos – país onde teve maior repercussão a Arte Mural – retratavam em suas obras a Política e a História do próprio país. Diferenciando-se do *graffiti* pelo fato de que o muralismo tinha permissão de elaborar suas obras em paredes públicas, com a autorização do governo.

Conclui-se, portanto, nesta pesquisa que lidando com o terreno movediço da Arte, é extremamente difícil defini-la e também definir suas manifestações. Por isso, dúvidas moveram este estudo e continuarão movendo também tudo que tange a Arte.

Manifesto aqui uma possível linha de pensamento e estudo: os professores, sabendo ou apostando na melhor aceitação de *graffiti* pelos alunos, usam esta nomenclatura para ensinar arte mural, descaracterizando, assim, o *graffiti* e menosprezando a arte mural. O arte-educador deve tratar e transmitir a riqueza da arte mural, que certamente agrega ótimos valores à bagagem cultural do aluno, e acrescenta resultados favoráveis às suas aulas através do ver, do fazer e do contextualizar.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Vália Peixoto. *Grafite*: uma forma de arte pública. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/artes/grafite.jhtm>>. Acesso em: 22 maio 2010.

ALENCAR, Valéria Peixoto. *Muralismo*: uma arte pública. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/artes/muralismo.jhtm>>. Acesso em: 22 maio 2011.

*Arte Contemporânea*. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=354&cd\\_idioma=28555&cd\\_item=8](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=354&cd_idioma=28555&cd_item=8)>. Acesso em: 26 mar. 2011.

*Arte e Cultura*. Disponível em: <<http://clubinhofabercastell.com.br/app/core/professores.html?area=4&id=11>>. Acesso em: 10 maio 2011.

BECKER, Melissa. *Banksy: o anônimo mais famoso do mundo*. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/banksy-anonimo-mais-famoso-mundo-623045.shtml>>. Acesso em: 01 jun. 2011.

Biografia de Alex Vallauri. Disponível em: <[http://www.pinturabrasileira.com/artistas\\_bio.asp?cod=188&in=9](http://www.pinturabrasileira.com/artistas_bio.asp?cod=188&in=9)>. Acesso em: 12 maio 2011.

*Candido Portinari*: biografia sucinta. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/portinari.htm>>. Acesso em: 04 jul. 2011.

CASTELANI, Gláucia Rodrigues. *Murais mexicanos: a arte para o povo*. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra6/muralismo.html>>. Acesso em: 04 jul. 2011.

COLI, Jorge. *O que é Arte*. 15. São Paulo: Brasiliense, 1995.

*Di Cavalcanti*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/artistas-brasileiros/artes-plasticas/di-cavalcanti-1897-1976>>. Acesso em: 04 jul. 2011.

*Diego Rivera*. Disponível em: <[http://www.citi.pt/cultura/artes\\_plasticas/desenho/alvaro\\_cunhal/rivera.html](http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/desenho/alvaro_cunhal/rivera.html)>. Acesso em: 04 jul. 2011.

*Hip Hop*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip\\_hop](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip_hop)>. Acesso em: 16 jun. 2011.

*Jean-Michel Basquiat*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/basquiat.jhtm>>. Acesso em: 11 maio 2011.



LOVATTO, Edson. “Quando nossa arte vai para o museu, não é grafite”, dizem os grafiteiros osgemeos no “Roda Viva”. Disponível em:  
<<http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/2009/12/14/ult4326u1454.jhtm>>.  
Acesso em: 02 abr. 2011.

MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H. *Pop-Art*. Disponível em:  
<<http://www.historiadaarte.com.br/popart.html>>. Acesso em: 12 maio 2011.

*Muralismo*. Disponível em:  
<[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseacti on=termos\\_texto&cd\\_verbete=3190](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseacti on=termos_texto&cd_verbete=3190)>. Acesso em: 04 jul. 2011.

Muralismo. Disponível em:  
<[http://www.pitoresco.com.br/art\\_data/muralismo.htm](http://www.pitoresco.com.br/art_data/muralismo.htm)>. Acesso em: 04 jul. 2011.

*Oficina de grafite em sala de aula*. Disponível em:  
<<http://www.jfparanagua.com.br/blog/?p=837>>. Acesso em: 02 abr. 2011.

*O que é grafite?* Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/desenhista/grafite.html>>. Acesso em: 02 abr. 2011.

PARANHOS, Thaís. *Escola Pública de Brasília Ensina a Arte do Grafite aos alunos*. Disponível em: <<http://culturahiphop.uol.com.br/materia/69/escola-publica-de-brasilia-ensina-a-arte-do-grafite-aos-alunos>>. Acesso em: 02 abr. 2011.

*Projeto Guernica*. Disponível em:  
<<http://www.ufmg.br/cidadaniacultural/index2.htm>>. Acesso em: 02 abr. 2011.

RALSTON, Ana Carolina. *Biografia*. Disponível em:  
<<http://osgemeos.com.br/index.php/biografia/>>. Acesso em: 02 abr. 2011.

SANTANA, Ana Lucia. *Diego Rivera*. Disponível em:  
<<http://www.infoescola.com/biografias/diego-rivera/>>. Acesso em: 04 jul. 2011.

VENEROSO, Maria do Carmo Freitas. Críticas das Artes Visuais Moderna e Contemporânea. In: *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Vol. 1. Belo Horizonte: EBA-UFMG, 2009. P. 46-67.